



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação – FE

**AUTONOMIA E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL A PARTIR DE MARIA MONTESSORI E JEAN PIAGET**

BÁRBARA MENDES PEDROSA

**BRASÍLIA  
2022**

Bárbara Mendes Pedrosa

**AUTONOMIA E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL A PARTIR DE MARIA MONTESSORI E JEAN PIAGET**

Trabalho de Conclusão de Curso  
para obtenção do título de  
Graduação em Pedagogia,  
apresentado à Comissão  
Examinadora da Universidade de  
Brasília.

Orientadora: Daniela Barros Pontes  
e Silva

Brasília  
2022

Bárbara Mendes Pedrosa

**AUTONOMIA E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL A PARTIR DE MARIA MONTESSORI E JEAN PIAGET**

Trabalho de Conclusão de Curso  
para obtenção do título de  
Graduação em Pedagogia,  
apresentado à Comissão  
Examinadora da Universidade de  
Brasília.

Orientadora: Daniela Barros Pontes  
e Silva

Banca Avaliadora:

Ma. Daniela Barros Pontes e Silva – FE/UnB

Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues – FE/UnB

Dr. Cláudio Márcio de Araújo – SEDUC/GO

Dr. Saulo Pequeno Nogueira Florencio – UniCEUB

Brasília

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pa PEDROSA, Bárbara Mendes Pedrosa  
AUTONOMIA E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL A PARTIR DE MARIA MONTESSORI E  
JEAN PIAGET / Bárbara Mendes Pedrosa PEDROSA, Bárbara  
Mendes ; orientador Daniela Barros Pontes e Silva. --  
Brasília, 2022.  
48 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de  
Brasília, 2022.

1. Autonomia. 2. Aprendizagem. 3. Criança. 4. Maria  
Montessori. 5. Jean Piaget. I. , Bárbara Mendes. II. Barros  
Pontes e Silva, Daniela, orient. III. Título.

*Dedico este trabalho ao meu pai José e a minha mãe Francisca, que sempre trabalharam de forma incansável para que eu pudesse me dedicar aos estudos durante toda a minha trajetória escolar e acadêmica, me ensinando desde sempre o valor e a importância da busca pelo conhecimento.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que em tudo faz brilhar a sua glória, e que me conduziu durante todo este processo. Aos meus pais e aos meus irmãos Luana e Gustavo que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, mesmo nos momentos em que eu duvidava. A Comunidade Católica Shalom e aos meus irmãos de comunidade que sempre intercederam pelo meu processo de formação, e colaboraram para que eu percebesse todo este caminho de formação para além de uma instrução formal, mas como a minha missão. Agradeço também a todos os meus amigos os que fiz aqui na Faculdade de Educação, e também aos que estiveram presente na minha vida ao longo de toda esta trajetória.

Estendo a minha gratidão ao Colégio Santo Antônio onde estagiei pelo período de dois anos, e que foi um marco no meu processo de formação onde pude desenvolver de forma prática o que aprendia na universidade, conhecendo mais de perto o ambiente escolar e reconhecendo que este era o meu lugar e o espaço onde desejava trabalhar

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que contribuíram para o meu processo de formação, em especial a professora Fátima Vidal que conduziu o meu período de estágio obrigatório na escola CAP do Paranoá, e que me convidou a participar do Acampamento de Crianças Investigadoras, espaço que me despertou o desejo de estudar mais a temática da autonomia na educação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus orientadores a Professora Daniela Barros, que com muita paciência e carinho me ajudou na finalização do trabalho de conclusão de curso, tornando por meio da orientação este processo mais leve e mais tranquilo. Ao professor Cláudio Márcio que me orientou no início desta pesquisa me ajudando a organizar as minhas ideias, bem como a traçar um caminho que favorecesse e desse norte a toda pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma pesquisa teórica sobre autonomia e aprendizagem, buscando investigar a relação entre o desenvolvimento da autonomia e o processo de aprendizagem, tendo como base a teoria de Maria Montessori, e visando investigar de forma mais profunda como esses termos se relacionam, foi encontrado em Jean Piaget o aporte necessário para que os conceitos fossem estudados de forma mais completa. Por meio da conceituação e relação entre autonomia e aprendizagem obteve-se uma melhor compreensão de ambos no desenvolvimento e educação infantil. Diante disso, foi possível verificar que a autonomia é resultado de um processo de autoeducação onde, por meio da experiência obtida através do contato com as pessoas e com o ambiente, a criança é capaz de realizar as suas escolhas. Para que isso aconteça é necessário passar por um processo de aprendizagem que tenha como intencionalidade alcançar a autonomia. Desta forma, o papel do professor consiste em, por meio de boas práticas pedagógicas, possibilitar o processo de aprendizagem e conseqüentemente a conquista da autonomia, e como mencionado nas considerações finais deste artigo a compreensão do tema abordado visa favorecer o trabalho pedagógico.

**Palavras-chave:** Autonomia; Aprendizagem; Criança; Maria Montessori; Jean Piaget

## ABSTRACT

The present work conducted theoretical research on autonomy and learning, seeking to investigate the relationship between the development of autonomy and the learning process, based on the theories of Maria Montessori and Jean Piaget. Approaching relations between autonomy and learning, it's obtained a better understanding of both development and early childhood education. Therefore, it was possible to verify that autonomy is the result of a process of self-education where, through the experience obtained through contact with people and with the environment, the child is able to make his/her choices. For this to happen it is necessary a learning process that is intended to achieve autonomy. Thus, the teacher's work consists of, through good pedagogical practices, enabling the learning process and consequently the conquest of autonomy.

**Keywords:** Autonomy; Learning; Child; Maria Montessori; Jean Piaget

## SUMÁRIO

<b>1. MEMORIAL</b>	<b>10</b>
<b>2. Introdução</b>	<b>15</b>
<b>3. Autonomia e Aprendizagem: compreendendo as perspectivas de Jean Piaget e Maria Montessori</b>	<b>16</b>
3.1 Autonomia em Jean Piaget	16
3.2 Autonomia em Maria Montessori	20
3.3 Aprendizagem e Desenvolvimento	24
3.3.1 <i>Aprendizagem em Jean Piaget</i>	25
3.3.2 <i>Aprendizagem em Maria Montessori</i>	29
<b>4. Da Relação entre Autonomia e Aprendizagem no Desenvolvimento da Criança</b>	<b>32</b>
4.1 Como Jean Piaget Compreende Autonomia e Aprendizagem no Desenvolvimento da Criança	34
4.2 Autonomia, Aprendizagem e Desenvolvimento na Concepção de Maria Montessori: relações indissociáveis	37
<b>5. Autonomia e Aprendizagem: apontamentos para favorecer o livre desenvolvimento da criança</b>	<b>40</b>
<b>6. Considerações finais</b>	<b>42</b>
<b>7. Referências</b>	<b>43</b>
<b>8. Perspectivas Futuras</b>	<b>45</b>

## 1. MEMORIAL

### Um pouco sobre a minha história

Meu nome é Bárbara Mendes Pedrosa tenho 24 anos, os meus pais são a Francisca e o José, tenho dois irmãos a Luana que é a mais velha e o Gustavo o mais novo. Eu nasci na cidade de São Caetano do Sul em São Paulo, e moramos lá até o meu 10º aniversário.

O meu encontro com a escola foi bem cedo, tanto que na memória tenho apenas flashes dessa época, eu comecei a frequentar a creche aos 3 anos, era uma creche do município que ficava próxima a nossa casa. Os meus pais trabalhavam o dia inteiro, por isso precisávamos ir para a creche, e lembro de gostar muito do espaço da escola e das professoras.

Nessa mesma cidade fiz a pré-escola, onde desenvolvemos algumas atividades com o Projeto Tamar que tem como objetivo a preservação de tartarugas em extinção, me lembro que foi aí que comecei a pensar em profissões e no que eu escolheria trabalhar quando crescesse, na minha cabeça graças a influência do projeto eu seria bióloga marinha. Essa lembrança me leva a refletir sobre o impacto da educação e da escola na vida e no modo de pensar das crianças, e a forma como as experiências vividas nesses ambientes impactam a nossa vida.

Da primeira a terceira série estudei na escola municipal Oswaldo Samuel Massei, na mesma cidade, me lembro de neste período viver experiências riquíssimas com os projetos que a escola desenvolvia especialmente os ligados a literatura, as professoras realizavam contação de história com alguma frequência e isso me aproximava dos livros e me fazia entrar no universo das histórias que eram narradas.

No último ano do ensino fundamental muitas transições aconteceram devido a nossa mudança para Brasília. Toda mudança é capaz de gerar dentro de nós um misto de medo e expectativa, sentimentos próprios de quando nos deparamos com o desconhecido, estava na 4ª série o meu primeiro impacto foi com a estrutura da escola que era completamente diferente se comparada às escolas nas quais estudei, foi um ano tranquilo, apesar das muitas adaptações, os meus pais conseguiram conduzir tudo com muita leveza, e como a decisão de mudar foi de toda a família estávamos felizes com todo o processo.

A segunda parte do Ensino Fundamental foi muito tranquila, sempre fui uma aluna muito dedicada, me cobrava muito com relação as minhas notas, e o fato de ter muitos amigos me fazia querer ir para a escola, sempre fui a estudante que sentava na frente que prestava atenção em tudo.

Durante o ensino médio mantive a mesma postura, gostava de ajudar os meus colegas e às vezes explicar as matérias antes da prova, acredito que neste ponto começa a surgir em mim o gosto por compartilhar o conhecimento. Vivi alguns processos mais complexos que impactaram na minha vida escolar, aos 16 anos fui diagnosticada com depressão, por conta da medicação tinha dificuldade de prestar atenção em sala de aula, essa realidade fez também com que me afastasse dos meus amigos, foi um tempo bem complicado. Até que conheci a Comunidade Católica Shalom da qual faço parte hoje, foi aí que as coisas começaram a se resolver e fui aos poucos retomando os meus estudos e a minha vida social.

Até o final do Ensino Médio estava convencida a fazer psicologia, devido a enorme gratidão que nutria pelos profissionais que haviam cuidado de mim. Mas pouco antes do final do ano comecei a refletir se essa seria realmente a minha escolha, e aos poucos fui percebendo o quanto admirava os bons professores que fizeram parte do meu processo educacional, o quanto eu gostava de ensinar e ajudar os meus colegas e que isso era algo leve e muito natural pra mim, uma posição na qual me sentia confortável, onde sentia satisfação por ajudá-los. Foi neste momento que percebi que a psicologia não era o meu lugar.

Ao mesmo tempo, ao me deparar com as disciplinas que fazia na escola não sentia vontade ou identificação suficiente para desejar me aprofundar em alguma delas durante o período da faculdade. Comecei a ver na Pedagogia a possibilidade de estudar um pouco de psicologia, uma área pela qual nutro grande admiração, ao mesmo tempo que poderia ensinar, algo que sempre gostei de fazer, e não precisaria escolher uma área específica, sendo possível transitar por diferentes conhecimentos, depois de perceber todas essas possibilidades e já estava convencida do que gostaria de fazer.

Acabei não conseguindo passar no vestibular na primeira tentativa, como havia estudado sempre em escola pública, e os meus pais não teriam condições de me ajudar a pagar a faculdade, optei por tentar entrar em alguma Universidade Federal de preferência a UNB por não estar aberta a uma nova mudança de estado para fazer

a faculdade.

O processo de preparação para o vestibular foi bem difícil, lidar com a incerteza e com o medo da reprovação, na primeira prova fiquei tão nervosa que mal consegui fazer a prova, eu passei quando comecei a entender que aquela prova não poderia me definir ou medir a minha capacidade, entreguei tudo nas mãos de Deus compreendendo que a minha parte nos estudos eu já havia feito.

Fui aprovada no vestibular do meio do ano em 2017, os primeiros dias de aula foram bem desafiadores, um ambiente completamente novo com muitas pessoas diferentes, onde eu não conhecia ninguém, confesso que no início pensei em desistir por me sentir “um peixe fora d' água”. Conforme o tempo foi passando percebi que não estava na faculdade apenas por um diploma, mas que se a providência de Deus tinha me conduzido a este lugar como missionária de uma Comunidade Católica aquele ambiente se tornava também a minha terra de missão, a partir desse momento comecei a viver tudo da melhor forma que podia, conheci pessoas incríveis que fizeram parte desse processo, permite que eles tocassem na minha vida da mesma forma que pude tocar na deles, e toda essa realidade mudou o sentimento de deslocamento que havia dentro de mim no início, e eu finalmente entendi que eu estava onde deveria estar.

Ao longo das disciplinas que fui cursando, comecei a ter um carinho especial por aqueles que tratavam sobre temas relacionados à inclusão de pessoas com necessidades educacionais específicas. Diante disso no quarto semestre tive a oportunidade de iniciar o estágio no Colégio Santo Antônio na 915 sul, atuei como monitora de um aluno de 16 anos com paralisia cerebral que estava no Ensino Médio, o estágio foi um divisor de águas no meu processo de formação.

A escola era um ambiente de trabalho muito tranquilo, e por receber muito apoio das minhas chefes conseguimos desenvolver juntas, também com o corpo de docentes da escola, um bom trabalho em vista da educação do nosso aluno. Tínhamos uma boa relação com a família, o que favorecia muito o processo de aprendizagem dele. Confesso que no início pensei que não conseguiria, por não me sentir preparada para tamanha responsabilidade, apesar disso perceber a confiança que os profissionais da escola tinham no meu trabalho me ajudava a buscar dar o melhor que eu podia.

Apreendi a ser paciente e a respeitar os processos, entendi que o tempo de aprendizagem do meu aluno era diferente, mas isso não era e não precisava ser algo

negativo, entendi que nem sempre os planejamentos se concretizam da forma como

esperamos. Comecei então a superar a minha ideia limitada de educação, compreendendo que eu precisava acreditar no processo dele para que ele acreditasse também, que as vitórias dele eram também as minhas, e eu me alegrava com cada uma delas por mais singelas que elas fossem. O nosso objetivo como escola era que ele aprendesse e para favorecer esse processo, a escola me dava liberdade, entendendo que por estar perto dele todos os dias de forma tão próxima eu saberia quais caminhos poderíamos tomar enquanto profissionais para favorecer o processo de aprendizagem dele.

Em algumas disciplinas como Matemática e Química trabalhamos com adaptação e materiais concretos, onde buscamos, também a pedido da família, ensinar algumas coisas para além do que já era ministrado, atividades próprias da vida prática para que ele tivesse autonomia nas ações cotidianas, como ir ao mercado onde precisaria fazer cálculos matemáticos, por exemplo, também tentávamos na medida do possível tornar tudo o mais concreto e visível para facilitar a compreensão dele diante dos conhecimentos que eram passados.

Permaneci dois anos nesse estágio, um período bem desafiador onde às vezes não tinha tempo para almoçar, pegava vários ônibus no mesmo dia, tinha o tempo de sono reduzido pois precisava fazer as coisas da faculdade. Mas valeu a pena cada dificuldade, pois tenho certeza de que me tornaram uma profissional melhor, pois me fizeram crescer como pessoa, aqui deixo registrada a minha gratidão a escola e a cada um dos profissionais incríveis com quem tive a oportunidade de conviver e trabalhar.

Durante o período da pandemia, assim como a maior parte dos colegas com os quais tive contato, senti o baque do ensino remoto, a escola estava fechada todos na minha casa estavam trabalhando, e de uma hora para outra senti como se minha vida tivesse estagnado, acabava não conseguindo pegar tantas disciplinas na faculdade pois como só eu estava em casa também cuidava dos meus sobrinhos. Os primeiros meses confesso foram assustadores, ver tudo fechando meus irmãos que são da área da saúde trabalhando, e eu em casa sem conseguir fazer muita coisa, rezando para tudo acabar e a vida voltar ao seu curso.

Aos poucos tentei ajustar uma rotina que favorecesse os meus estudos e as coisas que precisava fazer em casa, confesso que não foi fácil, mas vi também como uma oportunidade para me aproximar mais da minha família, tendo em vista

que na minha antiga rotina devido a quantidade de demandas por vezes não

conseguia conviver com a minha família, durante este tempo dava também aula para os meus sobrinhos o que me ajudou a passar o tempo e a não perder a prática.

Diante de todas as memórias aqui relatadas finalizo este memorial com uma frase que muitas vezes me sustentou durante todo este processo, um amigo uma vez me disse: “ No céu existe uma coroa destinada aos professores, pois esses doam as suas vidas na busca da verdade para transmiti-la”. Foi através dessa frase que comecei a perceber a educação como uma missão, buscando sempre me manter fiel aos meus valores e aquilo em que eu acreditava. Percebo hoje o enorme desafio que tenho à minha frente, e considero este como a maior missão do professor: despertar nos estudantes o desejo pela busca do conhecimento. Espero através do exercício da minha docência cumprir tão nobre missão, que sei que não será fácil, mas como disse Santa Teresa D’Ávila: “É justo que muito custe aquilo que muito vale”.

## 2. Introdução

O presente artigo versa sobre a relação entre autonomia e aprendizagem, buscando compreender como estes processos acontecem durante a infância e como ambos influem na educação neste período da vida. Desta forma, pode-se compreender que Autonomia é uma palavra derivada do grego que indica a capacidade de uma pessoa em se autogovernar, ter as suas próprias leis e compartilhá-las com os demais. Este termo era usado na antiguidade frequentemente relacionado a “*pólis*” indicando a forma de governo das cidades gregas como afirma Schramm (2004, p.1) A palavra autonomia: “Tem suas raízes históricas e conceituais na cultura política grega, sendo referida, inicialmente, à *pólis*, indicando as cidades autárquicas não submetidas ao poder de outras cidades.”

Na filosofia moderna, a palavra autonomia deixa de ser utilizada apenas para fazer referência a “*pólis*” e a uma realidade coletiva, e passa a apontar o indivíduo. O filósofo Emanuel Kant ao tratar da autonomia da vontade discute a perspectiva do homem como indivíduo mediante a ideia da construção de leis pessoais, como ele mesmo demonstra por meio do imperativo categórico: “age sempre como se a máxima de tua vontade deverá tornar-se também o princípio de uma lei universal.” (Kant apud Queiroz et al, 2009, p.71), ao colocar tais palavras Kant deixa claro esta capacidade humana de construção, primeiramente de si e em seguida das demais realidades à sua volta.

Dentro da perspectiva educacional o termo autonomia é usado de forma constante visando expressar o ato de realizar alguma atividade, seja ela cognitiva ou de forma concreta, a partir da liberdade com pouco ou nenhuma interferência externa, diante disso para que a criança seja capaz de realizar tal feito é preciso que ele passe por um processo de aprendizagem para adquirir novas habilidades tornando as suas ações mais livres e independentes. Tanto em Montessori como em Piaget a autonomia faz parte do processo de desenvolvimento infantil, e está vinculada com a aprendizagem. À medida que a criança aprende, especialmente sobre o meio e as pessoas que a cercam, tendem a tornar-se mais autônomas. Compreender a relação entre estes dois termos tão caros para a educação, e de forma mais profunda como estes fenômenos se dão ao longo do processo de desenvolvimento da criança torna-

se fundamental para na posição de professores, favorecer e estimular o

desenvolvimento integral da criança, a partir de uma perspectiva de educação ativa, fazendo daquele que aprende o principal ator do processo e proporcionando, a partir deste conhecimento teórico é possível pensar na elaboração de práticas educativas mais eficazes.

Visando iluminar esta compreensão através da pesquisa bibliográfica, este artigo tem como principal objetivo investigar a relação entre desenvolvimento da autonomia e o processo de aprendizagem, segundo as teorias de Piaget e Montessori.

Partindo do pensamento e das concepções teóricas e metodológicas de Maria Montessori diante dos temas autonomia e aprendizagem, foi possível perceber as ideias construtivistas que permeavam o seu método e suas teorias. Visando entender melhor o construtivismo e a relação com a educação e o desenvolvimento infantil foi possível encontrar em Piaget a base necessária para compreender melhor tais concepções, e a intersecção entre as duas teorias trouxe para este estudo uma compreensão mais alargada, sobre ambos os temas, por meio da união entre ideias ligadas a aspectos mais biológicas originárias de Jean Piaget, e a perspectiva humanizada de Maria Montessori, proporcionando uma compreensão mais completa da relação entre autonomia e aprendizagem.

Para esta finalidade dois objetivos específicos foram traçados. No primeiro buscou-se conceituar autonomia e aprendizagem, tendo como base a visão dos autores já citados sobre os termos, em seguida o segundo objetivo buscou compreender a relação entre aprendizagem e autonomia. Ao final do artigo há também uma parte discursiva onde foi possível unir a visão de ambos os teóricos a minha perspectiva elucidando desta forma os resultados desta pesquisa.

### **3. Autonomia e Aprendizagem: compreendendo as perspectivas de Jean Piaget e Maria Montessori**

Nesta seção trataremos da relação entre autonomia e aprendizagem tendo como base, Jean Piaget e Maria Montessori, ambas as teorias serão o suporte para colaborar com a compreensão da interrelação entre os termos.

#### **3.1 Autonomia em Jean Piaget**

Piaget mantém a tese de Kant no que diz respeito à existência de dois tipos

de moral: autonomia e heteronomia. De acordo com o pensamento Kantiano essas

morais são opostas, consistindo a heteronomia na ausência da liberdade. Já para Piaget, a relação entre as duas se dá dentro de uma perspectiva evolutiva, entendendo que para que o sujeito se torne autônomo ele precisa passar pela heteronomia, que para o autor é uma parte constituinte do desenvolvimento moral, e não se dá necessariamente pela ausência total de liberdade conforme sinaliza o pensamento Kantiano. Como afirma Queiroz et al. (2009, p.69):

Para ambos os autores apenas a autonomia é efetivamente a lei moral, mas enquanto para Kant a heteronomia contraria o princípio da moralidade apresentando-se como uma falsa liberdade, pois a vontade não se dá por ela mesma (Kant, 1788/2002), Piaget levanta a hipótese de que a heteronomia é sucedida pela autonomia (Piaget, 1932/1994).

Piaget trata a conquista da autonomia dentro da perspectiva de um processo de desenvolvimento compreendendo o indivíduo em sua integralidade, na mesma linha deste pensamento Zorzi (2019, p.57) enfatiza que "... a constituição do sujeito autônomo se configura de forma integrada nas diferentes dimensões da vida deste (moral, social, política, econômica, afetiva, intelectual)".

Compreendendo o desenvolvimento moral como um processo para a conquista da autonomia, Piaget elenca duas fases como se fossem degraus para se chegar ao sujeito autônomo, sendo eles a anomia e a heteronomia.

A anomia é uma fase que se dá do nascimento até por volta do 5º ano de vida, neste período a criança ainda não possui de forma internalizada o conceito de bem ou mal, certo ou errado, por isso as regras expressas são entendidas nesta parte do processo apenas como ações a serem realizadas, não necessariamente enquanto regras a serem cumpridas.

Segundo Piaget, primeiramente podemos falar em desenvolvimento pré-moral, também conhecido como anomia que significa a ausência do sentimento de cumprimento das regras, uma vez que "[...] as regras derivadas da moral ainda não estão associadas, para a criança, a valores como o bem e o mal, o certo e o errado. [...] trata de hábitos de conduta: são apenas coisas que se fazem. (LA TAILLE, 2006, p. 97)

Conforme a criança desenvolve uma percepção do mundo a sua volta, ela melhor compreende o estabelecimento de regras colocadas de forma unilateral e sempre vindas de instâncias superiores, ou seja, adultos com quem tem maior

contato, pais, professores ou até mesmo parentes mais próximos. “Na medida em que a criança estabelece as primeiras relações interindividuais com adultos significativos para ela (pais, professores etc.), as normas passam a ser sentidas como obrigatória.” (FREITAS, 2002, p.17). Essa relação unilateral é percebida até em regras estabelecidas por jogos, por exemplo, nesta fase a criança compreende a regra como algo sagrado não podendo ser quebrada ou flexibilizada. Conforme explica Queiroz et al. (2009, p.70):

Assim, podemos observar o processo de interiorização das regras que no início mostram-se como exteriores ao sujeito, sagradas, e paulatinamente ganham entendimento e expressão livre, desde que um consenso social se estabeleça.

Dentro da perspectiva do desenvolvimento moral a heteronomia estabelece uma relação unilateral tendo em vista que para a criança as regras, são como obrigações a serem cumpridas, estabelecidas por instâncias superiores assim como coloca Queiroz et al (2009, p.74):

...a autonomia é respeito mútuo; e a heteronomia é o respeito unilateral. Quando há respeito unilateral a ação acontece em conformidade ao dever, ou seja, acontece como obrigação. A criança procede da forma como foi ordenada, geralmente pelo adulto; a regra se apresenta como algo pronto e que chega até ela como sagrada. Por outro lado, quando há respeito mútuo, a ação é pelo dever, ocorre pela vontade como determinante da ação (Piaget, 1932/1994).

Porém como dito anteriormente, conforme as ideias de Piaget, compreende-se tudo como parte de um processo, e este pensamento permeia também a heteronomia que não é concebida de forma negativa como em Kant, mas como uma fase necessária no processo de desenvolvimento moral. É possível a partir desta compreensão conceber a seguinte perspectiva:

Ao contrário do que muitos pensam, essa é uma etapa de fundamental importância para o desenvolvimento moral: é no quadro preparado pelo respeito unilateral que formas superiores de respeito se tornam possíveis. Dito de outra maneira, o respeito unilateral é condição necessária (embora não suficiente) para que se construam formas superiores de respeito. (FREITAS, 2002, p.18)

Conforme a criança se desenvolve são estabelecidas novas relações, principalmente com seus pares, e é dentro deste quadro que a autonomia surge, com

o passar do tempo elas percebem que existem circunstâncias onde as regras podem ser flexibilizadas ou até mesmo reinventadas. Como afirma Zorzi (2019, p.61):

A autonomia para Piaget constitui-se, portanto, numa situação que se afirma nas relações dos sujeitos com outros sujeitos que vivem em sociedade. No entanto, essa condição é construída num processo dinâmico e gradual de superação de uma condição heterônoma e pode ser considerada como uma espécie de ponto de chegada no desenvolvimento moral do sujeito, no sentido de abertura de possíveis relações mais justas, democráticas e simétricas.

A unilateralidade aos poucos vai dando lugar a dinâmica da cooperação, quando o sujeito compreende que para o seu bem e para o bem dos outros as regras podem ser alteradas, e que a regra não deve ser maior do que a pessoa. “Nas relações cooperativas, o respeito unilateral dá lugar ao respeito mútuo e recíproco, graças ao qual abre-se o caminho para a conquista da autonomia moral pelo sujeito.”(Freitas, 2002, p.19).

Desta forma o desenvolvimento moral se constitui enquanto um processo gradativo, tendo em vista que a heteronomia não é apenas uma relação de influência, é também formativa. Por meio destas relações, a criança estabelece os primeiros contatos e interações com os contextos que a cercam. Conforme explica Freitas (2002, p.14), ao citar Piaget:

... as relações da criança com os indivíduos dos quais ela depende serão, portanto, propriamente falando, formadoras e não se limitarão, como geralmente se acredita, a exercer influências mais ou menos profundas, mas de alguma maneira acidentais em relação à própria construção das realidades morais elementares. (PIAGET, 1988, p. 95)

Para Piaget, portanto, a relação com a autonomia começa quando a criança deixa de tomar as suas decisões com base apenas no cumprimento de regras impostas, ou seja, dentro de uma perspectiva de heteronomia, passando a realizar suas escolhas a partir da observação das necessidades do meio em que está inserida, esse processo dentro das ideias de Piaget constitui o pontapé inicial para a autonomia. Segundo ele: “A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como ele gostaria de ser tratado”. (PIAGET *apud* FREITAS, 2002, p.19).

A partir desta proposição a criança parte de uma visão de mundo egocêntrica, onde entende que todas as realidades giram em torno do “eu”, e começa

a tomar como base para suas decisões a realidade de um contexto mais amplo, complexo e externo a ela.

### **3.2 Autonomia em Maria Montessori**

Antes de tratar sobre a compreensão de autonomia, segundo Maria Montessori, se faz importante expor a forma como ela percebia o contexto educacional e principalmente, as crianças. O método Montessoriano ganha destaque justamente por este olhar diferenciado e atento aos pequenos. Segundo Montessori (2010, p. 69): “A humanidade, que já se pode vislumbrar na infância como o sol na aurora, deve ser respeitada com religiosa veneração; e todo ato, para ser eficazmente educativo, deverá favorecer o completo desenvolvimento da vida”.

Esta concepção de criança como indivíduo repleto de capacidades e digno de respeito, é base do método de Maria Montessori. A partir de um novo olhar para a infância e para as capacidades infantis, repleto de respeito à vida e ao desenvolvimento, ela acredita que as crianças e a educação constituem peças fundamentais para a transformação da sociedade. “Se a salvação vem, começará pelas crianças, já que elas são as criadoras da humanidade. As crianças são investidas de poderes não conhecidos, que podem ser as chaves de um futuro melhor”. (Montessori apud Röhrs, 2010, p.30-31).

Nesta nova perspectiva a respeito da infância Maria Montessori desenvolve o seu conceito de autonomia. Para ela essa busca pela independência é inerente a todo ser humano, ou seja, dentro de cada um de nós existe um impulso interior que tem como função nos levar a autonomia. Conforme esclarece Röhrs (2010, p.30), ao citar Montessori:

Se nenhuma síndrome de regressão se revela, a criança manifestará tendências muito claras e muito fortes em direção à independência funcional [...] Em cada indivíduo está em curso uma força vital que o leva a procurar a realização de si. (Montessori, 1952, p. 77)

A autonomia desta forma, não constitui apenas uma ação por conta própria, não se caracteriza pelo ato de realização solo, mas se manifesta antes de tudo, por um movimento interior natural e consciente diante de todo o processo, que acontece no contexto educacional e também nas tarefas e realidades mais corriqueiras da vida diária.

Ao compreender esta necessidade de independência do indivíduo, Montessori interliga este processo de autonomia a liberdade, que não pode ser confundida com uma forma desordenada de comportamento, onde a criança pode fazer o que quer, como e quando quer, pelo contrário, a liberdade para Montessori deve ser compreendida enquanto processo natural e necessário para a educação, sendo ela, uma “condição imprescindível de expansão da vida”. (Vilela, 2014, p.36).

Porém, é importante frisar que nessa proposta não se pode confundir liberdade com abandono, ou mesmo com *laissez-faire*. A liberdade é aqui entendida como o desenvolvimento das manifestações espontâneas da criança, e se identifica prioritariamente com atividades. Por isso, liberdade e disciplina interior estão interligadas e integradas ao método. A questão principal é desfrutar de liberdade com responsabilidade. (Vilela, 2014, p.36).

Diante disso, o desenvolvimento para Montessori começa no corpo e na liberdade dos movimentos, compreendendo a necessidade que a criança tem de se movimentar, e entendendo que o movimento, que nem sempre acontece de forma coordenada, é um importante meio para o desenvolvimento infantil. A criança precisa ter autonomia para movimentar-se, e por meio deste adquirir uma melhor noção do espaço onde ela está inserida. Segundo Vilela ( 2014, p.38):

O que Montessori fez foi potencializar e direcionar essa ação motora como canal para o desenvolvimento educacional das crianças. O método Montessori faz uso de ações relacionadas à coordenação motora e à visualização do tempo e do espaço...

É pensando no desenvolvimento motor, e nas percepções de tempo e espaço que Montessori propõe “Atividades de vida prática”, como via para a conquista da autonomia. Essas atividades consistem em ensinar as crianças a fazerem as tarefas mais simples e cotidianas de maneira independente, compreendendo que elas são capazes de executá-las desde que sejam incentivadas a isso, é na realização das atividades cotidianas de forma independente que o indivíduo se torna cada vez mais autônomo.

Para ser eficaz, uma atividade pedagógica deve consistir em ajudar as crianças a avançar no caminho da independência; assim compreendida, esta ação consiste em iniciá-la nas primeiras formas de atividade, ensinando-as a serem auto suficientes e a não incomodar os outros. Ajudá-las a aprender a caminhar, a correr, subir

e descer escadas, apáñhar objetos do chão, vestir-se e pentear-se,

lavar-se, falar indicando claramente as próprias necessidades, procurar realizar a satisfação de seus desejos; eis o que é uma educação na independência. (Montessori apud Röhrs, 2010, p.71).

Para além das atividades de vida prática, outras também eram pensadas em especial atividades que favorecessem o ensino da língua e o pensamento lógico matemático. Para a realização destas, materiais concretos e sensoriais foram elaborados. Geralmente dentro do Método Montessoriano as atividades ficam dispostas de forma estratégica dentro da sala, possuem diferentes níveis de dificuldade e o material é feito de tal forma para que o próprio aluno perceba o erro cometido e realize a atividade da forma correta, favorecendo a autonomia e também a autocorreção. Ao tratar do material didático Vilela (2014, p.39) explica:

O material didático, talvez seja um dos aspectos mais conhecidos do trabalho de Maria Montessori, pois ele foi projetado para provocar a inquietação cognitiva e o raciocínio da criança. Para isso, Montessori criou um material especial que é composto de diversas séries de jogos, com o objetivo claro de proporcionar a educação sensorial estimulando a observação da criança. Além de ser composto por objetos simples, coloridos e atraentes aos pequenos. Uma outra característica marcante do seu material didático, é a importante função de possibilitar à criança, avaliar o sucesso ou insucesso de sua ação, quase que imediatamente ao ato. E assim, possibilitar a ele empreender nova tentativa, a partir da experiência vivida anteriormente, em outra direção que busque o sucesso.

Por meio destas propostas de atividades Montessori busca favorecer a autocorreção, o fato de diante do insucesso voltar a atividade, conseguir perceber o erro e buscar uma forma diferente de solucionar o que está posto concluindo a atividade desperta na criança um sentimento de realização e a consciência de suas capacidades e de seu processo.

As crianças parecem ter a sensação de seu crescimento interior, a consciência das aquisições que fazem desenvolvendo-se a si mesmas. Elas manifestam exteriormente, por uma expressão de felicidade, o crescimento que se produziu nelas. (Montessori apud Röhrs, 2010, p.27).

Importante compreender também o imprescindível papel que a organização do ambiente possui para o desenvolvimento da autonomia, tudo neste meio é pensado dentro de uma finalidade pedagógica para conduzir a criança ao conhecimento. Um ambiente organizado também favorece a disciplina, quando se

compreende que para mantê-lo é preciso limpar o que se suja, guardar depois de

usado, e dentro do método Montessoriano as crianças são conduzidas a esses movimentos, que com o tempo se tornam naturais e também favorecem a constituição do sujeito autônomo. Segundo Röhrs (2010, 18-19):

Nesses locais, tudo era adaptado às crianças, às suas atitudes e perspectivas próprias: não só os armários, as mesas e as cadeiras, mas também as cores, os sons e a arquitetura. Era esperado delas que vissem e se movessem nesse ambiente como seres responsáveis e que participassem do trabalho criador como das tarefas de funcionamento, de maneira a subir uma “escala” simbólica que conduzia à realização.

Sendo assim, dentro do método desenvolvido por Montessori o estudante deve ser o principal ator no processo educacional, a partir dele o processo educacional deve se iniciar. Em vista disso, Maria Montessori busca deixar bem claro qual o papel do professor, que neste processo deve apenas mediar a construção do conhecimento. "As ações propostas no Método Montessori exigem que, para uma educação autônoma, o professor atue como mediador da aprendizagem, possibilitando que as crianças aprendam por si mesmas".(Cruz, 2018, p.115).

É por meio deste conjunto de realidades favoráveis ao desenvolvimento infantil que Maria Montessori concebe a ideia de autoeducação, que se caracteriza na capacidade conquistada pelo indivíduo de educar-se a si, através da percepção das realidades interiores, mas também do outro e do ambiente que são favorecedores deste processo. Segundo Röhrs (2010, p. 28):

Essa realização de si conduz no fim das contas à autoeducação, que é a verdadeira finalidade. A reflexão, a concentração meditativa, mas também um esforço intenso são indispensáveis para tentar resolver os problemas postos pelo material didático.

A autonomia é, portanto, fator fundamental e constituinte do desenvolvimento interior e exterior do indivíduo, entendida por Maria Montessori como natural ao ser humano, mas que precisa ser favorecida, através do ambiente, do professor, do material didático, e também das relações interpessoais, tendo em vista um processo integral do desenvolvimento infantil. A autonomia se torna assim uma ferramenta fundamental para que o processo educacional se desenvolva. Para que isso aconteça faz-se necessário, segundo Montessori, esse olhar particular para cada criança, conforme suas necessidades e realidade. (Montessori apud Röhrs, 2010,

p.72).

### 3.3 Aprendizagem e Desenvolvimento

O termo aprendizagem origina-se de aprender, de acordo com Online Dictionary Etymology a palavra aprender vem do latim “*apprehendere*” que significa pegar agarrar, para ter uma colocação mais exata dentro da temática abordada e de acordo com o dicionário: “agarre com os sentidos ou com a mente”. Aprendizagem, consiste, de acordo com o seu significado primário e dentro da perspectiva educacional, em prender dentro de si o objeto de estudo, ou seja, aquilo que está sendo estudado.

Diante desta definição, esta ação de “agarrar” com os sentidos e com a mente se manifesta também dentro dos aspectos biológicos, causando algumas alterações que Piaget chamaria de “desequilíbrio”. Por meio do processo de aprendizagem o indivíduo manifesta uma espécie de controle sobre o objeto apreendido, possibilitando assim que a informação possa ser retomada sempre que necessário. De acordo com Relvas (2009, p.35) conforme citado por Alves (2015, p.843): “A aprendizagem constitui-se em uma alteração biológica na comunicação entre os neurônios. Nessa ocasião, forma-se uma rede interligada em que a informação aprendida pode ser evocada e retomada com relativa facilidade e rapidez”.

O processo de aprendizagem abrange aspectos biológicos, mas não se resume a eles, os conhecimentos aprendidos por nós se estendem para as mais diversas áreas, realidades, e necessidades da vida, sendo muitas vezes externalizados, conforme compreende Silva et al. (2013, p.13): “Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido por meio da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais”. Levando em consideração esta definição, podemos compreender a aprendizagem também como um processo de transformação dinâmico, que coloca o sujeito que aprende sempre em movimento.

Sendo assim, o processo de aprendizagem está diretamente ligado a autonomia e liberdade, pois tendo aprendido, ou seja, agarrado e internalizado determinados conceitos, o indivíduo passa a ter diante de si diversas possibilidades geradas por estes novos conhecimentos, tornando possível a escolha de diferentes caminhos, conforme explica Silva et al. (2013, p.13) ao citar Antunes (1999):

“Aprender significa a capacidade cerebral pela qual conseguimos penetrar na compreensão das coisas, escolhendo o melhor caminho”.

Dentro do contexto escolar, para que ocorra este processo de aprendizagem faz-se necessário a presença do professor, responsável por mediar a relação entre o estudante e o objeto de conhecimento. É o próprio estudante que deve ser neste contexto não apenas participante, e sim um sujeito ativo durante todo o processo. Segundo Silva et al. (2013, p.13):

Ao tratar do processo de aprendizagem no contexto escolar devem-se considerar dois atores de extrema importância, o aluno, como agente ativo e participativo do processo da sua aprendizagem, e o professor, como agente na mediação entre o aluno e a busca por novos conhecimentos .

A aprendizagem é, portanto, e antes de tudo, um movimento ativo do próprio indivíduo que aprende, tendo em vista que este, movido pela vontade de aprender, é capaz de realizar novas descobertas e construir o seu processo, desde que esteja aberto a este movimento, conforme explica Vilela apud Sócrates (2014, p.35): "A educação não é algo que alguém (o mestre) transmite à pessoa que aprende (discípulo). O saber, o conhecimento, é uma descoberta que a própria pessoa realiza". Desta forma, nas abordagens sobre aprendizagem que descreveremos a seguir, tanto para Montessori quanto para Piaget, o processo de aprendizagem deve se constituir de forma ativa, não excluindo a necessidade de mediação.

### 3.3.1 *Aprendizagem em Jean Piaget*

Diante do que foi definido acerca da aprendizagem, dentro do pensamento Piagetiano o desenvolvimento biológico é fundamental para que as estruturas cognitivas se desenvolvam, para que ocorra um processo cognitivo este sempre está sobre uma base biológica. Segundo Osti (2009, p.110): “Piaget considera que o homem herda um organismo, ou seja, possui uma “máquina biológica” que irá amadurecer em contato com o meio ambiente, servindo como base sobre a qual todas as aprendizagens serão construídas”.

Desta forma, em Piaget o conhecimento é construído passando por alguns estágios de desenvolvimento. De acordo com Ostermann e Cavalcanti (2011, p.32):

“Ele distingue quatro períodos gerais de desenvolvimento cognitivo: sensório-motor, pré-operacional, operacional-concreto e operacional-formal”.

Ao falar sobre o estágio sensório-motor Piaget (1999, p.17) usa o termo “revolução copérnica”, explicando que apesar de ser a primeira parte do processo de desenvolvimento, este período é fundamental para o processo de forma total. O estágio sensório-motor está relacionado aos primeiros anos de vida, geralmente durante o tempo de lactância, antecedendo o desenvolvimento da linguagem.

Nesta fase da vida a criança ainda não possui noção de temporalidade, portanto está imersa no presente. Segundo Osti (2009, p.111): “A criança nessa fase está presa ao presente, ainda não dispõe da capacidade de representação, não evocando o passado nem planejando o futuro”. Dentro deste estágio os movimentos podem ser considerados hereditários, pois são resultados dos reflexos inatos, necessários para a manutenção da vida, bem como a descoberta do próprio corpo, e o conhecimento do que está a sua volta por meio dos sentidos. Conforme explica Piaget (1999, p.18):

Em suma, assimila uma parte de seu universo à sucção, a ponto que se poderia exprimir seu comportamento inicial, dizendo-se que, para ele, o mundo é essencialmente uma realidade a sugar. É verdade que, rapidamente, o mesmo universo se tornará também uma realidade para se olhar, ouvir e, logo que os movimentos próprios lhe permitam, para manipular.

O período pré-operacional ou pré-operatório, é marcado pela aquisição da linguagem, por meio da fala a criança passa a organizar melhor os seus pensamentos para expressá-los, dando início as primeiras socializações, e sendo capaz de se colocar dentro do tempo, por meio de uma compreensão mais clara de passado e futuro. É neste estágio entre os 2 e 7 anos de idade que a criança acessa a imaginação através da linguagem e tende a dar vida a objetos inanimados (animismo), buscando interiorizar e compreender o mundo à sua volta.

Daí resultam três consequências essenciais para o desenvolvimento mental: uma possível troca entre o indivíduos, ou seja, o início da socialização da ação; uma interiorização da palavra, isto é, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem interior e o sistema de signos, e, finalmente, uma interiorização da ação como tal, que, puramente perceptiva e motora que era até então, pode daí em diante se reconstituir no plano intuitivo das imagens e das “ experiências mentais.”(PIAGET, 1999, p.24)

A partir dos 7 anos de idade, juntamente com o início da escolarização, a criança passa a aumentar o seu círculo de relações antes centradas apenas nas interações familiares, algo característico deste estágio denominado operacional-concreto, é a construção de pensamentos lógicos. “Os propósitos espontâneos da criança testemunham, pela própria estrutura gramatical, a necessidade de conexão entre as ideias e de justificativa lógica.” (Piaget, 1999, p.41). Este período também é caracterizado pelo início da reflexão antes de agir, que toma por sua vez o lugar da impulsividade diante das ações da primeira infância.

Em vez das condutas impulsivas da primeira infância, acompanhadas da crença imediata e do egocentrismo intelectual, a criança, a partir de sete ou oito anos, pensa antes de agir, começando, assim, a conquista deste processo difícil que é a reflexão.” (PIAGET, 1999, p.42)

Já a adolescência, na teoria Piagetiana, é um período marcado por um importante avanço cognitivo: o pensamento hipotético-dedutivo. Esta forma de pensamento se caracteriza pela formulação de teorias a partir de realidades não necessariamente concretas, como por exemplo, o amor ou o conceito de verdade, as deduções destas hipóteses são obtidas mesmo diante da ausência de provas concretas. Conforme explica Piaget (1999, p.59):

O pensamento formal é, portanto, hipotético-dedutivo”, isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de uma observação real. Suas conclusões são válidas, mesmo independentemente da realidade de fato, sendo por isto que esta forma de pensamento envolve uma dificuldade e um trabalho mental muito maiores que o pensamento concreto.

Como podemos observar, o desenvolvimento acontece para Piaget gradativamente do primeiro para o último estágio, de modo que a cada estágio o indivíduo adquire novas habilidades cognitivas, tendo sempre como base as já adquiridas no estágio anterior, dentro deste processo de acordo com Piaget (1999, p.13):

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é comparável ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos – também a vida mental pode ser

e pela maturidade dos órgãos -, também a vida mental pode ser

concebida como evoluindo na direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto.

Desta forma, de acordo com Piaget o desenvolvimento do indivíduo se dá por um processo constante de equilibração, tendo em vista que a criança ao longo de seu caminho maturacional está em grande parte do tempo diante de uma nova descoberta, sendo desafiada a compreendê-la e desvendá-la. Este processo segundo Piaget é responsável por causar um "desequilíbrio", conduzindo aquele que aprende a remodelar as suas estruturas mentais para acolher o novo conhecimento, e alcançar novamente o equilíbrio.

Tendo em vista os aspectos do desenvolvimento já abordados, na área da cognição de acordo com a teoria piagetiana existem duas formas para que a criança desenvolva um processo cognitivo. A primeira é a chamada assimilação, onde diante da necessidade de resolução de uma situação a criança busca em seu repertório um conhecimento já construído, visando solucionar aquilo que lhe é apresentado.

Para Piaget (2001) o conceito de assimilação se refere à tentativa, feita pelo sujeito, de solucionar uma determinada situação utilizando uma estrutura mental já formada, ou seja, o indivíduo busca solucionar um problema com base no conhecimento que ele tem, implica em retirar informações do objeto, é a sua forma de interpretar o mundo. (OSTI, 2009, p.113)

Se por meio da assimilação a criança não consegue resolver o que lhe é apresentado ocorre o "desequilíbrio", uma desestabilização na estrutura cognitiva, e é neste ponto que o indivíduo precisa modificar, dando origem a novas estruturas. A este processo Piaget chama de acomodação, onde o indivíduo se adapta a situação desenvolvendo uma nova forma. Conforme Osti (2009, p.113):

Enquanto a acomodação é melhor definida como sendo uma modificação nas estruturas antigas que o indivíduo tem para poder dominar uma nova situação, é um processo de modificação das estruturas, de ajustamento para resolver um problema novo.

A aprendizagem se caracteriza como resultado da conquista do equilíbrio, quando o indivíduo passa por este processo de desequilíbrio, e é levado a encontrar uma solução nova, reorganizando a sua estrutura cognitiva, tornando possível o aprendizado. De acordo com La Taille, conforme cita Osti (2009, p.114):

Todas as aprendizagens, pelo menos as mais importantes, pedem obrigatoriamente uma reorganização do sistema. Aprender não é apenas um acumular informações... As aprendizagens importantes sempre pedem uma reconstrução. Ou seja, pedem que o indivíduo passe de um nível X de organização para outro superior, X +1.

O processo de acomodação é fundamental para que a aprendizagem aconteça, conforme Ostermann e Cavalcanti (2010, p.22): “Só há aprendizagem quando o esquema de assimilação sofre acomodação.” Sendo assim, a criança precisa passar por estas constantes “rupturas” para se desenvolver, entendendo que as novas estruturas não anulam as antigas, mas se complementam dentro de um mesmo sistema.

Diante do que foi apresentado podemos inferir que, a aprendizagem resulta das construções das estruturas mentais, possibilitadas pelo organismo em relação com o meio e a experiência, ou seja, é entrando em contato com novas experiências, tendo acesso a novas propostas que a criança é levada a construir novos conhecimentos, novos equilíbrios em relação ao contexto, e assim aprender. “Nessa perspectiva, a aprendizagem é obtida, apreendida, em decorrência da experiência, podendo ser definida como aquisição de um conhecimento específico”(OSTI, 2009, P.113). Este processo acontece em Piaget à medida que a criança passa pelos estágios de desenvolvimento, entendendo que todas essas experiências e o seu crescimento estarão sempre sobre uma base biológica que acompanha a aprendizagem e o desenvolvimento, e que este processo não acontece de forma linear, mas de acordo com as características e especificidades de cada pessoa.

### 3.3.2 *Aprendizagem em Maria Montessori*

A partir da ideia de autonomia, podemos compreender melhor o que é, e como se dá a aprendizagem. De acordo com as perspectivas de Montessori, este processo, assim como a autonomia, dá-se através da abertura da criança ao mundo, e é por meio desta abertura natural, e pelo respeito ao processo de desenvolvimento de cada criança que a aprendizagem acontece. (Röhrs, 2010, p.29)

É importante destacar, que a criança que aprende e vive um processo de aprendizagem encontra-se inserida em contextos sociais e culturais, que participam também deste processo: a casa, a escola, o seu país, a língua falada. Sendo este sujeito aberto ao conhecimento, recebe diversas influências e intervenções ao longo

de seu desenvolvimento, por este motivo Maria Montessori afirma que a criança

possui um “Espírito absorvente”. Segundo ela: “O ‘espírito absorvente’ é ao mesmo tempo a capacidade e a vontade de aprender. Isso quer dizer que o espírito é orientado rumo aos acontecimentos do mundo ao redor, em harmonia com esses acontecimentos”. (Röhrs, 2010, p.29).

Podemos observar estas características do “espírito absorvente” ao olhar um bebê de colo que, apesar do pouco tempo de vida, ao escutar algo busca atentamente a origem do som ou até mesmo nas primeiras percepções de si do seu corpo, na descoberta das mãos e dos pés. “A criança vai então ser cuidada após o seu nascimento, considerada antes de tudo como um ser dotado de uma vida psíquica” (Montessori, 1972, p.61 apud Röhrs 2010, p.28). É através de tais manifestações consideradas por vezes simples e corriqueiras que os pequenos aprendem.

Ao compreender o processo de desenvolvimento de cada criança, é possível perceber, segundo Montessori, alguns períodos denominados por ela de “Períodos Sensíveis”, termo que designa uma janela de tempo (período), onde a criança está mais suscetível a certas aprendizagens, sendo assim a interiorização destes novos conhecimentos acontece de maneira mais eficaz.

Trata-se de períodos de maior receptividade do ponto de vista do aprendizado por interação com o meio. Segundo essa teoria, existem períodos determinados durante os quais a criança está naturalmente receptiva a certas influências do meio, que a ajudam a dominar certas funções naturais e a atingir uma maior maturidade. (Röhrs, 2010, p.30)

Durante estes “Períodos Sensíveis”, a criança está naturalmente aberta à aprendizagem, e conseqüentemente as experiências. É por meio do contato com o mundo a sua volta que ela aprende, através dos sentidos, dos movimentos, e do ambiente. E estes são fatores importantes para que o processo de aprendizagem aconteça. Segundo Montessori apud Röhrs (2010, p.26): “Nenhuma descrição, nenhuma imagem de nenhum livro podem substituir a vista real das árvores em um bosque com toda a vida que acontece em volta delas”. Para aprender, portanto, a criança deve experimentar o mundo real em suas múltiplas manifestações.

Este processo de percepção e experiência com relação ao mundo exterior acontece, segundo a autora, por meio dos sentidos e da afinação destes, ela compreende que o ambiente à nossa volta também nos educa, sendo assim, é

importante ter sentidos afinados. Através da educação e afinação dos sentidos, o indivíduo torna-se mais sensível para perceber a beleza que o cerca, os sons, os cheiros, as diferentes texturas e imagens, constituem as vias para o processo de aprendizagem. Conforme explica Röhrs (2010, p.79):

A educação sensorial é igualmente necessária como base para a educação estética e a educação moral. Multiplicando as sensações e desenvolvendo a capacidade de apreciar as mínimas quantidades diferenciais entre os vários estímulos, afina-se mais e mais a sensibilidade. A beleza reside na harmonia, não nos contrastes; e a harmonia é afinidade; e, para percebê-la, é necessária certa finura sensorial.

Esta experiência deve acontecer também através dos movimentos, por meio do direcionamento destes, ao pensar assim Maria Montessori rompe com a ideia de que a imobilidade do indivíduo é condição fundamental para a aprendizagem. O movimento passa a ser essencial ao ato de aprender, vale a pena ressaltar ainda, que o movimento defendido por Montessori não diz respeito apenas ao aspecto corporal, abrange a ação e o protagonismo do indivíduo ante o processo de aprendizagem. Dentro desta perspectiva, Vilela (2014, p.35) esclarece:

E ainda, a inércia do aluno, que era exigência *sine qua non* para o aprendizado, foi completamente esquecida e em seu lugar o movimento, a ação da criança, se tornou indispensável para a concretização do processo.

Em vista da aprendizagem, o ambiente da sala de aula deve ser devidamente preparado, com o objetivo de cumprir a finalidade de educar. Para que isto aconteça Montessori compreende que o ambiente é responsável por despertar na criança esse movimento. A disposição dos móveis, as atividades ali distribuídas, são responsáveis por atrair a criança para vivenciar o que está sendo proposto.

Efetivamente, o acaso, isto é, o ambiente, deve, quase sempre, ensejar uma intuição e florescer um impulso; é o ambiente que revela o que é novo; a intuição e o interesse, em seguida, poderão dar novos passos no caminho do progresso. (Montessori, 2017, p.48)

Diante deste processo composto pela experiência, pelo ambiente e pelos sentidos, o papel do professor consiste em mediar, percebendo cada aluno de forma única e individual, ao professor cabe por meio da observação atenta, favorecer o

processo de desenvolvimento natural da criança. “E é a cada um destes indivíduos,

observados um a um, que devemos ministrar a educação, isto é, o auxílio ativo ao desenvolvimento normal da vida”. (Montessori, 2017, p.65)

Portanto a aprendizagem, segundo Montessori, é um processo colaborativo, interno e externo, que se dá por meio da interação entre o indivíduo e o meio, onde o principal ator é aquele que aprende. Este processo acontece de diversas formas, por meio da observação atenta do processo de desenvolvimento de cada criança o professor as ajuda a direcionar todos os seus sentidos em vista da conquista de novos conhecimentos.

#### **4. Da Relação entre Autonomia e Aprendizagem no Desenvolvimento da Criança**

Nesta seção enfatizamos a dialogicidade entre autonomia e aprendizagem, a discussão aqui proposta tem como fundamentação as definições que foram apresentadas anteriormente, ou seja, tomando como base teórica as conceituações segundo Jean Piaget e Maria Montessori.

Para compreendermos melhor o processo dialógico entre aprendizagem e autonomia faz-se necessário entender a criança, e de forma especial, o conceito de infância que foi se modificando ao longo do tempo, graças também a contribuições de estudiosos como os dois já citados.

Por um longo período de tempo, na história as sociedades ocidentais, viveram sem “sentimento de infância”, ou seja, não percebiam as particularidades deste período da vida, não desenvolviam estudos para compreender o processo de desenvolvimento infantil, cuidavam e zelavam pelas crianças, mas não havia um olhar voltado para tentar compreendê-las. Conforme explica Ariès (1981, p.145):

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o Sentimento da infância não existia, o que não quer dizer que as Crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças. Corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem.

Ariès relata que este sentimento de infância começa a surgir entre os séculos XVI e XVII, por meio da “paparicação” onde as crianças atraíam a atenção do

adulto pelo aspecto meigo, sendo muitas vezes motivo de distração e passatempo

para os mais velhos. Com o passar do tempo, começaram a perceber a necessidade de uma educação moral para as crianças, que precisavam também de disciplina. Conforme explica Ariès (1981, p.152-153):

O primeiro sentimento da infância - caracterizado pela "papaização" - surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Esses moralistas haviam-se tornado sensíveis - Ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento, por sua vez, passou para a vida familiar.

Com o advento da medicina higiênica, por volta do séc XX, um novo sentimento surge através da preocupação com a saúde das crianças devido aos altos índices de mortalidade infantil da época, este movimento proporciona o início de uma mudança na consciência social no que diz respeito ao cuidado das crianças. Conforme explica Montessori:

A higiene ocorreu em seu socorro como para um desastre, uma catástrofe que causasse inúmeras vítimas; lutou contra a mortalidade infantil no primeiro ano de vida – as vítimas eram tão numerosas que os sobreviventes podiam ser considerados salvos de um dilúvio universal. A vida da criança assumiu um novo aspecto quando, no início do século XX, a higiene começou a penetrar nas classes populares.(Montessori apud Röhrs, 2010, p. 96)

Diante destas transformações, alguns estudiosos começaram a se interessar mais pela infância, bem como, pelo processo de desenvolvimento infantil, compreendendo a importância deste no conjunto dos demais processos de desenvolvimento ao longo da vida. Piaget exemplifica esta importância ao falar do período do nascimento e da aquisição da linguagem, denominado por ele de sensório-motor. Segundo o autor: “É decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança.” (Piaget, 1999, p.17).

Assim como fez Piaget, Montessori volta-se especialmente para a infância e para as crianças, compreendendo a importância do desenvolvimento infantil. Ao falar da concepção de Montessori sobre a infância Röhrs (2010, p.11) afirma:

A infância era, a seu ver, a fase crítica na evolução do indivíduo, o período durante o qual são lançadas as bases de todo desenvolvimento ulterior. É por isso que ela atribuía um alcance universal às observações que podemos fazer sobre esse período da vida.

Podemos compreender de acordo com as ideias de Maria Montessori que sendo o desenvolvimento humano gradativo, tudo aquilo que aprendemos em um determinado período serve enquanto suporte, ou como ela mesma diz “base”, para o desenvolvimento futuro. Piaget já havia defendido esta ideia quando diz que: “O essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestrutura, sobre as quais se edificam as novas características” (Piaget, 1999, p. 15).

Tendo em vista a importância da infância, e do desenvolvimento saudável da criança e todos os conceitos postos anteriormente, levando em consideração que tanto para Montessori quanto para Piaget a educação deve se dar de forma ativa, chegamos na seguinte questão central: De que forma a aprendizagem está relacionada a autonomia, e como podemos chegar a autonomia por meio da aprendizagem? Esta questão responderemos nos tópicos a seguir a partir das teorias e compreensões de Jean Piaget e Maria Montessori.

#### **4.1 Como Jean Piaget Compreende Autonomia e Aprendizagem no Desenvolvimento da Criança**

Em Piaget como vimos anteriormente, para chegarmos à autonomia precisamos passar pela heteronomia. Segundo ele a autonomia não é inata, não nascemos autônomos, nos tornamos, e esta conquista se dá através das relações que o indivíduo estabelece ao longo do seu processo de desenvolvimento. “Há uma proposição sobre a qual todos os psicólogos e todos os educadores estão seguramente de acordo a de que “nenhuma realidade moral é completamente inata”. (Piaget apud Munari, 2010, p. 45).

Conforme explica Piaget, à medida que a criança se desenvolve de forma cognitiva, e passa pelos estágios de desenvolvimento acontece também o seu desenvolvimento moral. “Isso significa que além de construir estruturas cognitivas, o sujeito desenvolve, de forma paralela, níveis de afetividade que culminam no seu

próprio desenvolvimento moral” (Zorzi, 2019, p.60). Desta forma, o processo de

desenvolvimento cognitivo nos ajuda a compreender o desenvolvimento moral, e consequentemente a conquista da autonomia.

Tendo em vista tal conquista, a criança passa por algumas fases em seu desenvolvimento moral, que vão de forma gradativa levando a construção do sujeito autônomo. Durante o estágio sensório-motor até meados do período operatório, os pequenos ainda possuem dificuldades de compreender as realidades externas, este fator compromete também a compreensão de regras, desta forma, a criança fica centrada apenas em suas necessidades, caracterizando um certo egocentrismo próprio do período pré-moral denominado por Piaget como anomia. Segundo Pereira e Morais (2017, p.112):

O meio é muito importante, contudo, deve se considerar que pelo egocentrismo, característica principal do pensamento infantil, que é encontrado no período sensório motor (0 - 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), e até o operatório (porém em menor força, pois há uma descentração maior) a criança ainda não possui recursos psicológicos suficientes para compreender a lógica das regras, há um impedimento natural do processo de desenvolvimento em que para criança há uma única perspectiva na forma de ver o mundo, que é a sua forma, devido a sua centração, que não garante que as crianças se descentrem de suas convicções e crenças.

Já a heteronomia, se aproxima da criança à medida que esta começa a entender melhor as regras estabelecidas através das relações unilaterais, a relação de respeito do mais novo pelo mais velho Piaget denomina de coação. Segundo o que explica Caetano et al. (2019, p.3): “A coação é um tipo de relação social caracterizada pelo respeito unilateral da criança para com o adulto. Ela tende a consolidar a moral da heteronomia, que implica obedecer às pessoas”. Desta forma a heteronomia pode ser entendida como um período de transição, que acontece por volta dos 7-8 anos de idade, entre a unilateralidade, e um outro tipo de relação que Piaget vai definir mais a frente como cooperação (Zorzi, 2019, p.67)

Dentro das relações heterônomas os pequenos são conduzidos a uma maior percepção do mundo exterior, superando aos poucos a característica egocêntrica própria dos primeiros anos de vida. Desta forma, as relações estabelecidas de maneira saudável entre o sujeito e as pessoas que o cercam são fundamentais para a conquista da autonomia. A este respeito Piaget (2010, p. 46)

esclarece:

São as relações que se constituem entre a criança e o adulto ou entre ela e seus semelhantes que a levarão a tomar consciência do dever e a colocar acima de seu “eu” essa realidade normativa na qual a moral consiste.

Este olhar para o mundo externo colabora para que o indivíduo estabeleça relações cada vez mais consistentes com os seus pares, propiciadas por meio de jogos e brincadeiras, que exigem de seus participantes um processo colaborativo. Para que esta colaboração aconteça torna-se necessário o estabelecimento de uma relação de respeito mútuo, fazendo com que a criança se relacione com as outras como iguais.

O novo sentimento, que intervém em função da cooperação entre as crianças, e das formas de vida social dela decorrentes, consiste essencialmente em mútuo respeito. Este existe quando os indivíduos se atribuem, reciprocamente, um valor pessoal equivalente, não se limitando a valorizar uma ou outra ação específica. (Piaget, 1999, p. 53)

É esta relação mútua que abre espaço para a autonomia, fazendo com que a criança reorganize o seu conjunto de valores, desta forma Piaget compara esta nova fase com as operações lógicas, onde a criança organiza os seu valores por meio de “agrupamento”, tornando-se capaz de montar uma escala de valores, onde as regras começam a ser modificadas a partir do contexto e das necessidades do grupo, colocando a pessoas acima da regra, e não mais a regra acima da pessoa. Este processo dentro do desenvolvimento cognitivo se encaixa geralmente no período das operações.( Zorzi, 2019, p. 67).

A honestidade, o sentido de justiça e a reciprocidade, em geral, constituem sistema de valores pessoais, podendo-se, sem exagero, comparar este sistema aos “ agrupamentos” das relações ou noções que estão na origem da lógica, com a única diferença de que aqui são valores grupados segundo uma “escala”e não mais relações objetivas, ( Piaget, 1999, p. 55)

A partir desta ampliação na compreensão das relações interindividuais, e por meio do desenvolvimento desta escala de valores, a criança ou adolescente passa a tomar suas decisões de forma mais racional, abandonando aos poucos o caráter impulsivo dos primeiros anos de vida. Piaget explica que a autonomia se torna

explícita, quando o indivíduo é capaz de tomar as suas próprias decisões por meio da regulação entre os seus valores e os seus sentimentos (Piaget, 1999, p. 55-56).

O processo para a conquista da autonomia se dá através da colaboração entre os aspectos orgânicos e sociais, que coexistem e corroboram um com o outro em vista da formação do sujeito autônomo. Todo este processo é perpassado pela aprendizagem, levando em consideração que ao longo do desenvolvimento tanto da parte psíquica quanto da parte moral o sujeito passa constantemente pela equilibração. Conforme afirma Osti (2009, p. 114) :

Aprender significa, portanto, um processo constante de equilíbrio e desequilíbrio, uma reorganização interna do que é assimilado para posteriormente adquirir novos conhecimentos, consiste, pois, na modificação dos esquemas cognitivos.

Para corroborar com estes processos Piaget propõe um método de educação ativa, que deve se dar por meio de experiências concretas que precisam ser vivenciadas pela criança. Sendo ela a protagonista do seu processo de aprendizagem, ao professor cabe o papel de mediação entre o indivíduo e a experiência. Diante desta perspectiva Piaget (2010, p.68) esclarece:

É aqui que o papel do professor volta a ser central, enquanto animador das discussões, depois de ter sido o investigador, junto a cada criança, da apropriação desse admirável poder de construção intelectual que toda atividade real manifesta

Como podemos observar, para avançar no processo de desenvolvimento moral é necessário que o indivíduo aprenda através das experiências, onde ele é levado a assimilar e acomodar as informações recebidas em vista do equilíbrio cognitivo, a partir deste fenômeno podemos concluir que, para chegar à construção da autonomia existe uma colaboração entre o desenvolvimento cognitivo ligado a fatores biológicos e o desenvolvimento moral que diz respeito às relações interindividuais.

#### **4.2 Autonomia, Aprendizagem e Desenvolvimento na Concepção de Maria Montessori: relações indissociáveis**

Como podemos observar, Montessori desenvolve o seu método com um

oinar completamente novo para a criança e para a educação, ela acredita que a

criança possui em si um "gérmen", o princípio de algo que precisa crescer, em vista de uma educação nova para um homem novo. (Röhrs, 2010, p.30).

Para favorecer o desenvolvimento da criança Montessori conta com a educação, tendo em vista que esta deve colaborar e respeitar o processo de desenvolvimento natural. Segundo ela: "Toda a educação da primeira infância deve estar penetrada neste princípio: auxiliar o desenvolvimento natural da criança" (Montessori apud Röhrs, 2010, p.79).

Para que este processo de colaboração aconteça Montessori defende uma educação, onde todo o processo de aprendizagem deve conduzir o indivíduo a autonomia, tornando-o capaz de fazer suas próprias escolhas e construir o seu próprio caminho. Segundo Magalhães (2021, p.10):

Ela se manteve sempre preocupada com a construção de uma teoria do desenvolvimento infantil, com foco no físico e psíquico das crianças, nos deixando sólido aporte teórico que nos obriga pensar uma educação que coloque as crianças "[...] em condições de forjar seu próprio caminho na vida" (MONTESSORI, 1965, p. 95), ou seja, sustenta uma concepção de educação filiada a uma corrente pedagógica ativa em busca de autonomia.

Tendo em vista esta realidade Montessori elenca alguns princípios centrais em seu método, que devem favorecer o desenvolvimento da criança de forma integral, estes princípios favorecem o processo de aprendizagem e conseqüentemente a conquista da autonomia. Conforme explica Magalhães (2021, p. 10): "Seus pressupostos ajudam a alicerçar uma base epistemológica à educação a partir de princípios centrais como: liberdade, autoeducação, vontade e atenção, atividade".

Levando em consideração os princípios centrais para a formação do sujeito autônomo, a liberdade em Montessori: "...trata-se de "libertar" a criança de obstáculos que impedem o desenvolvimento normal de sua vida" (Montessori apud Röhrs, 2010, p.76). Por meio desta liberdade todo o processo de aprendizagem é favorecido, entendendo que dentro do método este processo acontece pelo movimento, bem como, pelas experiências que favorecem a afinação dos sentidos.

Em Montessori esta liberdade torna-se então constitutiva do processo de aprendizagem, através dela as crianças são convidadas a realizar as atividades propostas, que não se resumem apenas a exercícios escolares, mas são elaborados com intencionalidade visando o desenvolvimento integral. Não são impostos, mas

propostos por aquele que educa, dando a criança a autonomia dentro do processo de escolha das atividades que desejam realizar. A este respeito Magalhães (2010, p.11) explica:

A atividade, outro princípio que pode ser filiado a base epistemológica construída pela autora, caracteriza-se pela necessidade de concentração, o que torna a criança quase insensível ao mundo exterior e a faz repetir o exercício sem qualquer finalidade exterior, mas com muita alegria interior, pois na escolha da atividade ela participou, escolheu a que mais lhe daria prazer e sustentaria, portanto, sua atenção.

Essa insensibilidade ao mundo exterior não quer dizer que a criança não sente ou não percebe aquilo que está à sua volta, se caracteriza por uma certa concentração meditativa. “A reflexão, a concentração meditativa, mas também um esforço intenso são indispensáveis para tentar resolver os problemas postos pelo material didático.” (Montessori apud Röhrs, 2010, p. 28). Por este motivo é fundamental que a criança tenha a liberdade de escolher as atividades nas quais deseja empenhar a sua atenção, respeitando, assim, os seus impulsos naturais e interiores, que tendem a favorecer a atenção.

O objeto, se corresponder às necessidades interiores da criança e se lhe parecer um meio de autossatisfação, mantê-la-á numa atividade prolongada porque, após ser escolhido por ela, prenderá sua atenção em repetidos exercícios. ( Montessori apud Röhrs, 2010, p. 80)

Desta forma a atenção e o apelo ao silêncio, não são convites ou comando exteriores, mas tendem a brotar da necessidade interior de cada indivíduo fazendo com que a criança aprenda não a inibir o movimento, mas a ordená-lo, colocando a sua vontade, favorecendo assim a autoeducação.

“Ao passo que o silêncio deve ser entendido de um modo positivo, como um “estado superior” à ordem normal das coisas, como uma inibição instantânea que exige um esforço, uma tensão da vontade, que elimina os ruídos da vida cotidiana, como que isolando a alma das vozes exteriores.” (Montessori apud Röhrs, 2010, p. 84)

Um indivíduo autônomo é em Montessori e segundo seu método aquele capaz de tomar as suas próprias decisões, governar-se. “Disciplinado, segundo nossa concepção, é o indivíduo que é senhor de si mesmo, e, em decorrência, pode dispor de si ou seguir uma regra de vida” (Montessori apud Röhrs, 2010, p. 69). Desta forma

de ser a seguir uma regra de três (Montessori apud Röhrs, 2010, p. 69). Desta forma,

para Maria Montessori todo o processo de aprendizagem deve ter como objetivo conduzir o indivíduo a autonomia.

Segundo Montessori: “Para ser eficaz, uma atividade pedagógica deve consistir em ajudar as crianças a avançar no caminho da independência.” (Montessori apud Röhrs, 2010, p. 71). Sendo assim, no Método Montessoriano, a medida que a criança vive novas experiências por meio do contato com o ambiente ou por meio das atividades propostas pelo material didático, ela deve ser conduzida a um processo de autoeducação, que tem como via a experiência e a colaboração dos sentidos, desta forma, quanto mais a criança avança no processo de aprendizagem torna-se também mais autônoma. Importante ressaltar por fim, que todo este processo dentro do ambiente escolar conta com a mediação do professor, esta deve se manifestar através de propostas de atividades intencionais que respeitando o desenvolvimento natural da criança tenham como objetivo ordenar os sentidos e movimentos em vista da formação do sujeito autônomo.

## **5. Autonomia e Aprendizagem: apontamentos para favorecer o livre desenvolvimento da criança**

Ao fazer a intersecção entre as teorias de Jean Piaget e Maria Montessori pude observar alguns pontos em comum entre as duas teorias. Para ambos os autores a base utilizada para pensar a criança e os seus processos cognitivos e educacionais foi o construtivismo, esta perspectiva traz como principal ideia a construção do conhecimento de forma progressiva, e que este processo deve se edificar sobre uma base sólida, por isso, ambos os autores valorizam muito as aquisições e os processos de desenvolvimento da primeira infância que servem de base para a construção de todos os conhecimentos posteriores.

Diante da perspectiva da construção do conhecimento deste processo de autonomia, essa liberdade, como coloca Montessori, deve ter como parâmetro os interesses do outro (Montessori apud Röhrs, 2010, p.69). Piaget explica essa relação através do processo de cooperação, onde o sujeito é capaz de olhar para além de suas necessidades tomando decisões também a partir da observação dos contextos que o permeiam, bem como, levando em consideração as pessoas à sua volta. Desta forma, tanto para Montessori como para Piaget o processo de aprendizagem, e

portanto a educação, deve ter como objetivo a formação integral do indivíduo, que

deve se caracterizar por meio da junção entre os fatores biológicos e sociais em uma dinâmica de colaboração.

A educação ativa surge então como a forma mais eficaz para unir: desenvolvimento cognitivo; autonomia e cooperação. Onde o principal protagonista do processo de aprendizagem é aquele que aprende, e é a partir deste sujeito que todo o processo de construção do conhecimento se desenvolve, na perspectiva de um indivíduo dotado de consciência autônoma. Alguém que segundo Montessori é: “senhor de si”(Montessori, 2010, p.69), e que diante deste processo desenvolveu-se sendo capaz de superar a heteronomia.

A partir desta ideia do indivíduo como dono de si, tanto em Piaget como em Montessori, é possível compreender a autoeducação, que acontece quando a criança é capaz de realizar suas escolhas, não mais a partir de atitudes impulsivas, mas através da observação e reflexão do contexto que a cerca, sendo capaz desta forma de autoeducar-se, a autonomia desta forma se constitui na perspectiva de uma escolha livre, consciente e responsável.

A experiência dentro de todo este conjunto é a base para o processo de aprendizagem, é por meio do contato com o ambiente, com o outro e com as atividades propostas que as crianças acumulam experiências e aprendem por meio delas. Tais vivências colaboram para construir de forma gradativa o indivíduo, tendo em vista os aspectos morais e cognitivos.

Diante de tais perspectivas o professor tem como papel principal ser o mediador entre o aprendiz e o objeto de aprendizagem, essa mediação exige um olhar cauteloso cheio de cuidado e zelo, lançado sobre os estudantes entendendo-os como indivíduos com necessidades, histórias e realidades próprias que precisam ser levadas em consideração durante o processo de aprendizagem. Este olhar cuidadoso do professor deve alcançar todo o processo educativo, inclusive durante a elaboração das atividades, que devem ser envoltas de objetivo e intencionalidade.

O cuidado com a preparação do ambiente, enquanto “*locus*” educativo, parte da compreensão de que este possui importância fundamental no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia. Esta compreensão e cuidado são manifestos na organização da sala de aula, por meio da disposição dos móveis e atividades, onde todo ambiente é pensado e reconhecido pelo professor como espaço educador. Esse olhar diferenciado para a importância do papel do professor dentro

de sala de aula, como este colaborador do processo educativo, são legados próprios

do Método Montessoriano, que podem agregar para a construção da educação nos tempos atuais.

## **6. Considerações finais**

Ao iniciar a pesquisa do presente artigo, através da leitura dos textos de Maria Montessori nota-se na formulação de suas teorias algumas características do construtivismo, e visando investigar de forma mais profunda como os termos autonomia e aprendizagem se relacionam encontrei em Piaget o aporte necessário para que os conceitos fossem investigados de forma mais completa. Foi possível constatar a importância de compreender melhor a relação entre autonomia e aprendizagem, e como estas se relacionam ao desenvolvimento da criança, tal compreensão favorece a elaboração de práticas pedagógicas mais eficazes e que busquem o desenvolvimento integral dos pequenos.

Diante disso ao longo de todo o percurso foi possível perceber que a autonomia e a aprendizagem se relacionam de forma profunda dentro dos processos educativos, tendo em vista que quanto mais a criança aprende, e quanto mais se favorece este processo de aprendizagem ela é capaz de alargar a sua visão de mundo, a partir deste processo, e realizar escolhas de forma mais consciente e conseqüentemente exercer a autonomia.

Acrescento ainda, que as teorias que foram apresentadas não bastam a si mesmas, não são suficientes para explicar e resolver a educação, que é algo tão complexo, justamente por se tratar das particularidades do ser humano, desta forma o presente artigo constitui um ponto de partida para a compreensão desta temática, entendendo que diante da relevância deste tema para a educação e buscando favorecer o trabalho pedagógico, muito ainda precisa ser aprofundado entendendo a importância que tais compreensões possuem para favorecer o trabalho pedagógico.

Por este motivo, percebo a importância de como educadora em processo de constante formação, peneirar diante das várias possibilidades teóricas os pontos mais pertinentes de cada teoria em vista de uma educação que possa favorecer a formação integral dos estudantes com os quais me encontrarei ao longo desta jornada

profissional.

## 7. Referências

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **Autonomia moral na obra de Jean Piaget: a complexidade do conceito e sua importância para a educação.** Educar em revista, Curitiba, n. 19, p. 11-22, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/YxkByF9z7Nk7qYfMPSVgktg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22/09/2022.

PEREIRA, Denise Rocha; MORAIS, Alessandra de. **Desenvolvimento Moral: O Que a Educação Infantil Tem a Ver Com Isso?.** Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 105-137, 2017. Disponível em : <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/6642>>. Acesso em: 22/09/2022.

QUEIROZ, S. S., Ronchi, J. P. & Tokumaru, R. S. **Constituição das Regras e o Desenvolvimento Moral na Teoria de Piaget: Uma Reflexão Kantiana.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Espírito Santo, v. 22, n. 2, p. 69-75, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100010>>. Acesso em: 22/09/2022.

SCHRAMM, Fermin Roland. **A Autonomia Difícil.** Bioética, Rio de Janeiro. 1998. Disponível em : <[https://fesudeperj.brdeploy.com.br/arquivos\\_material/2017.06.07-14.45.5757Aula\\_2\\_Autonomia\\_Dificil\\_Schramm.pdf](https://fesudeperj.brdeploy.com.br/arquivos_material/2017.06.07-14.45.5757Aula_2_Autonomia_Dificil_Schramm.pdf)>. Acesso em: 22/09/2022.

ZORZI, Analisa. **A Construção da Autonomia Intelectual dos Sujeitos em Jean Piaget: Uma Síntese Teórica.** Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 50-72, 2019. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/9200>>. Acesso em: 22/09/2022

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori.** Coleção Educadores. Recife: Massangana, 2010.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

VILELA, Silvio Henrique. **MARIA MONTESSORI: O caminho dos sentidos.** Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 15, n. 38, p.32-46, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24465>> Acesso: 22/09/2022.

CRUZ, Viviane Edna. **O método Montessori e a construção da autonomia da criança na educação infantil.** Caderno Intersaberes, v.8, n.15, p.96-116, 2019. Disponível em: <<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1261>>. Acesso em : 22/09/2022.

SILVA, M. C., CRUZ, V. M. & SILVA, F. F. **A aprendizagem significativa uma interface com protagonismo juvenil: numa perspectiva socioafetiva.** Rev. psicopedag, São Paulo, v. 30, n. 91, p. 12-20, 2013.

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v30n91/03.pdf>>

Acesso em : 22/09/2022

OSTI, Andréia. **Concepções sobre desenvolvimento e aprendizagem segundo a psicogênese piagetiana.** Revista de Educação, São Paulo, v. 12, n. 13, 2009.

Disponível em: <<https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/1910>>

Acesso em: 22/09/2022.

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Reflexões sobre aprendizagem: de Piaget a Maturana.** Revista e-Curriculum, São Paulo, v.13, n. 04, p. 838 - 862, 2015.

Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21638>>

Acesso em: 22/09/2022.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de aprendizagem.** Porto Alegre, Evangraf, 2011.

Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/tri/sead/publicacoes/documentos/livro-teorias-de-aprendizagem>>

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget.** Recife, Massangana, 2010.

CAETANO, L. M.; SOUZA, J. M.; SILVA, C. O. & CHOI, P. Y. **Concepções educativas morais de crianças e adolescentes: diálogo entre teoria do juízo moral de Piaget e teoria do domínio social de Turiel.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, P. 1-19, 2019.

Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/162583>>

Acesso em : 22/09/2022.

## 8. Perspectivas Futuras

Comecei a refletir mais sobre esta temática após ter participado do II Acampamento Internacional de Infâncias Investigadoras, onde as crianças que participam do Semillero tanto no Brasil como em alguns países aqui da América do Sul apresentaram os seus projetos, que foram desenvolvidos a partir da curiosidade e da exploração de cada uma das crianças com a ajuda/ tutoria de um professor (a).

Assistir as apresentações estar e em uma mesa redonda com as crianças, vendo os projetos que elas haviam desenvolvido de forma autônoma, despertou em mim a curiosidade de estudar mais sobre a autonomia e de entender como ela se relacionava com a aprendizagem, então comecei a minha pesquisa, sempre tive curiosidade de estudar sobre Maria Montessori e vi nesta temática a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre ela.

Desejo em sala de aula colocar em prática os resultados da presente pesquisa favorecendo a aprendizagem em vista da autonomia, pretendo ingressar no mestrado para aprofundar ainda mais a pesquisa, e quem sabe surgindo a oportunidade de ir para fora do país, estudar sobre o método Montessoriano, visando favorecer a minha prática pedagógica. Não me vejo em outra profissão, encontrei na educação e como professora o meu lugar, a minha vocação profissional.

